

Os bons dados do ensino diferenciado inglês

Em finais de agosto, publicaram-se os resultados dos exames para obter o General Certificate of Secondary Education (GCSE), uma prova que os estudantes ingleses de 16 anos efetuam ao terminar a etapa do ensino secundário obrigatório. Como é habitual, os primeiros lugares no *ranking* das escolas foram dominados maioritariamente pelas *grammar schools* (escolas que selecionam os seus alunos fundamentalmente em função do seu rendimento académico prévio). Outro dado significativo é que sete das dez primeiras escolas do sistema público são de ensino diferenciado.

A presença de uma grande percentagem de centros de ensino diferenciado entre os melhor classificados deve ser analisada de acordo com diferentes contextos. Por exemplo, no caso das escolas privadas – não só independentes no currículo, como as *academies* ou as *grammar schools*, mas que, além disso, se financiam sem dinheiro público –, é muito significativo que 21 das 25 melhores escolas sejam somente de rapazes ou de raparigas, quando este tipo de centros escolares apenas representa um pouco mais de 10% da rede privada.

Não obstante, haveria que comparar as propinas exigidas em média nas escolas mistas e nas diferenciadas, para saber se o preço seleciona um tipo de aluno diferente para cada tipo de centro privado (sabendo-se que qualquer escola privada já seleciona estudantes de classe média alta ou alta).

No caso das escolas públicas – *state schools* –, onde o dinheiro já não é um fator de seleção, também 15 das 25 melhores são de ensino diferenciado (que somente representam 2% do total). Isto contradiz um dos argumentos favoritos dos detratores deste modelo: que os seus bons resultados se devem simplesmente à classe social dos seus alunos.

No entanto, o fator académico aparece claramente refletido nos resultados do GCSE, e afeta tanto as escolas mistas, como as *single-sex*. As dez melhores escolas públicas são *grammar schools* – sete de ensino diferenciado e três mistas –, e entre as 50 melhores, só há seis escolas não seletivas (*comprehensive schools*).

A percentagem de escolas diferenciadas entre as *grammar schools* (cerca de 73%) está bastante sintonizada com os

resultados: sete diferenciadas e três mistas entre as dez melhores escolas públicas.

O mesmo sucede ao analisar os dados das escolas que não selecionam por rendimento académico: entre as dez melhor classificadas, só uma é de ensino diferenciado, o que também corresponde aproximadamente à sua percentagem em relação a todas as *comprehensive schools*. No entanto, entre as escolas privadas, a percentagem de *single-sex* entre os primeiros lugares é superior à que têm no conjunto do setor.

Assim, mesmo que não se possa dizer que as escolas de ensino diferenciado obtenham resultados muito melhores do que as mistas (exceto no grupo das escolas privadas), é possível concluir que este modelo de ensino não é uma desvantagem para os alunos, mas sim o contrário.

Também se pode referir, tendo em conta o sucesso das *grammar schools*, que o filtro académico para aceder às escolas seletivas funciona, realmente, como um elemento de vaticínio muito confiável sobre o futuro rendimento dos alunos, seja em escolas mistas ou separadas.

Se mais de 70% das *grammar schools*, as escolas com mais procura, optam pelo ensino diferenciado, é porque consideram que é um modelo válido. A resposta favorável dos pais, se não o confirma cientificamente, pelo menos traz um poderoso argumento sociológico a favor destas escolas, cuja existência não se questiona na Grã-Bretanha.

Espanha aumenta a idade de consentimento sexual

A Espanha deixará de ser um dos países europeus com a idade de consentimento sexual mais baixa: 13 anos. Há algum tempo que a ONU tinha pedido aos Estados membros para aumentarem a idade de consentimento sexual, entre outras coisas, para evitar que fosse um filtro de pedófilos e proxenetas infantis; e os grupos políticos eram defensores de fazê-lo, mas não conseguiam chegar a acordo sobre a idade.

Foi agora, a pedido do Ministério da Saúde e no último minuto, que se avançou o aumento para 16 anos, um ano mais do que o incluído no anteprojeto redigido pelo Ministério da Justiça. A reforma deve passar agora pelos trâmites parlamentares.

Com a nova lei, se um adulto mantém relações sexuais com um rapaz ou rapariga de menos de 16 anos – inclusivamente no caso de serem consentidas – poderá ser condenado por abusos a uma pena de entre dois e seis anos de prisão, e inclusivamente até 12 anos, consoante o tipo e gravidade. Evita-se assim a fraude cometida contra o menor, aproveitando a sua falta de maturidade.

Além disso, elevam-se as penas nos casos de prostituição de menores ou pessoas deficientes e considera-se pornografia infantil imagens realistas de menores a participar em comportamentos sexuais explícitos, inclusivamente no caso de serem a fingir. O texto amplia a jurisdição dos tribunais espanhóis para perseguir os clientes de prostituição infantil, mesmo quando cometam o delito no estrangeiro, desde que sejam espanhóis ou a residir em Espanha.

Estamos perante uma boa notícia, porque esta reforma vem melhorar o ordenamento jurídico em matéria de proteção de menores. Até agora, parecia mais preocupante a segurança rodoviária que exige uma idade mínima de 18 anos para conduzir veículos, do que a garantia de um desenvolvimento normal da pessoa. Todavia, o projeto de lei tem lacunas e aspetos pouco definidos. Dever-se-ia pensar no desfazimento entre a idade de consentimento sexual e a idade para contrair matrimónio, hoje nos 14 anos, mas está prevista uma modificação do Código Civil para passar a 16, ficando a diferença sanada.

O problema de indefinição deve-se ao receio de tocar na liberdade em matéria sexual. As relações consentidas com menores de dezasseis anos serão um facto delituoso, exceto quando o autor seja pessoa próxima da vítima em idade e grau de desenvolvimento ou maturidade, diz o projeto. Em que consistirá essa proximidade e que grau de desenvolvimento e maturidade se requer, é critério do juiz. Podem ter relações um rapaz de 18 anos e uma rapariga de 15? E se ele tem 20 e ela 15? Poderia uma defesa esgrimir razoavelmente o argumento de personalidade imatura no caso de determinados delinquentes de tipo predador?

Segundo o “Informe Juventud en España 2012” do Ministério da Saúde, a idade média de iniciação sexual em Espanha é aos 17 anos, e 12% dos inquiridos tiveram a primeira relação sexual antes dos 15 anos, contra os 5% de 2004. Os jovens são cada vez mais precoces, mas não mais responsáveis, algo que preocupa, mas não há abordagem eficaz. 11.000 adolescentes engravidam anualmente em Espanha, segundo o Ministério da Saúde, e as doenças de transmissão sexual aumentam nos mais jovens.

Talvez parte dos dados provenha de abusos cometidos por adultos – seria bom dispor de inquéritos a esse respeito – mas, em muitos casos, trata-se de relações livres entre iguais. Certamente que a lei não existe para perseguir a vida privada

e íntima do cidadão, nem para substituir os pais no seu trabalho educativo, mas é surpreendente que se continue a exigir maioridade para atividades como o consumo de bebidas alcoólicas e o tabaco ou a condução de um automóvel, e não para a condução da própria vida. Ninguém parece querer admitir que as relações sexuais não são um mero divertimento sem consequências, mas que devem desenvolver-se num contexto de amor, exigem maturidade e responsabilidade, e o seu mau uso tem efeitos que mereceriam, no mínimo, as advertências de uma embalagem de tabaco.

C. A. C.

O músculo energético dos EUA desafia o Médio Oriente e a Rússia

Quarenta anos depois da crise do petróleo de 1973, os Estados Unidos converteram-se num ator destacado no cenário energético mundial. A sua produção de petróleo e de gás obtidos de xisto, e o impulso dado durante os últimos anos às energias renováveis, permitem aos EUA abastecer cada vez mais a sua procura e a de outros países, rivalizando assim com os países árabes e a Rússia.

Segundo explicam Amy Myers Jaffe e Ed Morse em “Foreign Policy” (16.10.2013), a “primavera árabe” fez realçar que a viragem acontecida nos EUA após a crise do petróleo de 1973 foi acertada. Desde que irromperam as primeiras revoltas em 2011, não foi possível exportar – seja por tensões internas como no Iraque, Nigéria, Sudão, Síria ou Iémen; seja por sanções internacionais como no Irão – mais de 2 milhões de barris de crude diários. Quando no verão passado se desencadeou uma nova onda de protestos na Líbia, perderam-se outros 1,2 milhões.

Mas, nesse mesmo período, os EUA compensaram em parte essas perdas graças aos seus próprios recursos, alcançando os 2,5 milhões de barris diários, graças à sua produção não convencional de hidrocarbonetos. Nestes casos, a forma de extração não é a habitual: a fratura hidráulica ou *fracking* permite aproveitar o petróleo e o gás natural que se encontram aprisionados nas rochas de xisto debaixo da superfície da terra. Daí os nomes de petróleo ligeiro e gás lousa.

A Agência Internacional de Energia, no seu relatório anual, prevê que o *boom* dos hidrocarbonetos não convencionais, juntamente com o aumento da procura em países emergentes como a Índia e a China, provocará grandes mudanças no mapa energético mundial dos próximos anos. Os EUA converterem-se-ão, em 2016, no primeiro produtor mundial de petróleo, ultrapassando os países do Médio Oriente. Nessa altura, também se terão convertido em líderes globais na produção de gás, à frente da Rússia.

O aumento da produção de gás de xisto fez baixar muito os preços energéticos dos Estados Unidos, algo invejado pelas

indústrias com assento na Europa, Japão e China, que pagam cerca do dobro. A diferença poderia começar a ter consequências no comércio externo, com claras vantagens para os Estados Unidos: no mercado internacional, o preço do gás natural desse país é um terço do preço de importação da Europa e um quinto do que é pago pelo Japão.

O recurso aos hidrocarbonetos não convencionais também situa em destaque o Brasil. Em 2015, este país converter-se-á em exportador líquido, graças à exploração das suas jazidas em águas profundas. E, se se vier a lançar em dispendiosos investimentos, em 2035, poderá ser o sexto maior produtor mundial de crude.

Outra mudança importante é que, em 2035, grande parte da procura mundial de crude será transferida para a China e a Índia, que ultrapassarão os EUA como maiores consumidores de petróleo. Este dado confirma a importância que voltará a ter, no futuro, o Médio Oriente, pois que, por estar mais próximo da Ásia, poderá satisfazer mais facilmente as necessidades de petróleo daqueles países emergentes.

Se a produção de gás natural nos EUA foi muito grande (um aumento de 34% entre 2009 e 2012), a das renováveis não tem comparação: nesse mesmo período, a produção de energia eólica aumentou 92% e, a solar, quadruplicou (ambas partiam de um nível baixo).

Contra as afirmações de que as renováveis significam apenas uma pequena parte do bolo elétrico dos EUA, o "The Wall Street Journal" (22.9.2013) coloca as coisas em perspetiva: a energia eólica, por si só, representa 5% da potência instalada dos EUA, o que equivale à capacidade de produzir eletricidade que tem o México e um pouco mais do que a da Austrália ou a da Arábia Saudita.

“Brave - Indomável”

“Brave”

Realizadores: Mark Andrews e Brenda Chapman

Duração: 100 min.

Ano: 2012

Este filme da DISNEY - PIXAR apresenta como personagem principal uma rapariga, a princesa Merida. Tal como noutros contos de fadas, também aqui a rainha “arranjara” o casamento da filha. No entanto, a princesa recusa todos os pretendentes “pré-selecionados” e sente-se demasiado jovem para casar. Discute com a mãe. A relação entre as duas

agrava-se. Foge do castelo e encontra uma bruxa. Com a ajuda dela, consegue um feitiço que transforma a rainha num urso.

A princesa arrepende-se do que fizera, mas não sabe como solucionar o erro. Quer que a mãe deixasse de ser como era, mas o feitiço fora demasiado “transformador”... Resolve levá-la para fora do castelo. Já no bosque percorrem o mesmo caminho até à bruxa. Quer pedir-lhe que desfaça o feitiço. Ao chegar ao local, ouve a solução: tornar a coser uma peça que rasgara durante a discussão com a mãe. Só teria de recompor o que estragara. É difícil voltar ao castelo, mas conseguem! Pelo caminho, fala com a mãe e começa a entendê-la melhor. A própria mãe dá-se também conta do ponto de vista da filha... até ao *happy end* final.

Há falhas que se corrigem fazendo apenas o oposto da ação inicial. Para isso, é preciso reconhecer o erro e só pessoas de forte caráter sabem dar esse passo.

Tópicos de análise:

1. Voltar a analisar os passos percorridos, permite descobrir o erro cometido.
2. Reconhecer um erro, valoriza a pessoa e orienta-a de novo para a meta.
3. Solucionar um erro em conjunto, aumenta a eficácia do sucesso.

Paulo Miguel Martins

Professor da AESE

